

CARTAS PEDAGÓGICAS
como prática de ensino e pesquisa

Isabela Camini
Rudimar Barea
Organizadores

CARTAS PEDAGÓGICAS
como prática de ensino e pesquisa

Passo Fundo
Saluz
2023

© 2023 Organizadores
© 2023 Editora Acadêmica do Brasil - EAB Editora
Publicado em 2023 / Impresso no Brasil

Edição: EAB Editora
Capa de projeto gráfico: Diego Ecker
Diagramação: Rodrigo Oscar Roman e Diego Ecker
Revisão: Araceli Pimentel Godinho

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

C322 Cartas pedagógicas : como prática de ensino e pesquisa / organização de Isabela Camini e Rudimar Barea. – Passo Fundo: Saluz, 2023.
357 p. ; 14 x 21 cm.
Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-85133-03-6.

1. Pedagogia. 2. Cartas. 3. Memórias.
I. Paulo, Fernanda, org. II. Camini, Isabela, org.
III. Barea, Rudimar, org.

CDD: 370

CDU: 37

Catalogação: Marina Miranda Fagundes - CRB 14/1707

Direitos desta edição reservados à
Editora Acadêmica do Brasil Editoração e Diagramação LTDA - EAB Editora
Rua Senador Pinheiro, 350 – Sala 01 – Bairro Vila Rodrigues
99070-220 – Passo Fundo – Rio Grande do Sul – Brasil
www.eabeditora.com.br – contato@eabeditora.com.br

Sumário

Prefácio	9
Apresentação	15
<i>Agostinho da Silva Rosas</i>	
<i>Com a contribuição do coletivo de escritoras/es</i>	
PARTE I – CARTA DE ABERTURA	35
Cartas pedagógicas: memória de uma experiência em processo	37
<i>Isabela Camini</i>	
PARTE II – CARTAS PEDAGÓGICAS DE ACOLHIDA	75
Queridos/as cursistas e amigos/as!	77
<i>Fernanda dos Santos Paulo</i>	
Herdeiros de um bem precioso têm de fazê-lo dar frutos ..	83
<i>Isabela Camini</i>	
Por uma educação com mais empatia!	91
<i>Rudimar Barea</i>	
PARTE III – CARTAS PEDAGÓGICAS: SÍNTESES DOS APRENDIZADOS	99
Primeiro encontro	101
<i>Leonardo Tavares Pessoa</i>	
Segundo encontro	103
<i>Rossana Sarmiento</i>	
Terceiro encontro	105
<i>Flávia Cristina de Souza Cezário</i>	

Quarto encontro	108
<i>Fabiola Andrade Pereira</i>	
Quinto encontro.....	114
<i>Juliana Vieira</i>	
Sexto encontro	121
<i>Maria Celia Dantas de Araújo</i>	
Sétimo encontro.....	124
<i>Márcia Maria Gonçalves de Oliveira</i>	
Oitavo encontro	129
<i>Aldenora Pena da Silva</i>	
Nono encontro	134
<i>Ana Paula Martins Farias Vasconcelos</i>	
Décimo encontro.....	138
<i>Hélio Simplicio Rodrigues Monteiro</i>	
Décimo primeiro encontro	144
<i>Maria Aparecida Ferreira de Almeida</i>	
Décimo segundo encontro.....	152
<i>Sara Jane Cerqueira Bezerra</i>	

**PARTE IV – ATUALIDADE DAS CARTAS PEDAGÓGICAS
DE PAULO FREIRE: 24 ANOS DEPOIS 161**

Pedagogia da Indignação. Primeira carta: do espírito deste livro	163
<i>Angelita Tatiane Silva dos Santos Perin</i>	
Pedagogia da Indignação. Segunda carta: do direito e do dever de mudar o mundo	171
<i>Joice Maria de Oliveira</i>	
Pedagogia da Indignação. Terceira carta: do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio pataxó	177
<i>Solange Toderó Von Onçay</i>	

PARTE V – MOSAICOS DE APRENDIZADOS:

AS CARTAS QUE NOS HABITAM 185

Aline Barbosa Silva	187
Adriana Ceccagno	190
Aldenora Pena da Silva	194
Angelita Tatiane Silva dos Santos Perin	198
Ana Claudia Lima de Assis	208
Ana Paula Martins Farias Vasconcelos	217
Antônio Cícero de Andrade Pereira.....	223
Ana Claudia Lima de Assis	226
Crislaine Batista do Sacramento	235
Cristiane Mello de Miranda Silva	239
Cristina Alves Lima	241
Maria Aparecida Ferreirade Almeida.....	243
Edite Maria da Silva de Faria	251
Elizângela de Nazare Barbosa	261
Eloidemar Guilherme	265
Eneila Almeida dos Santos	271
Fernanda Castro de Sousa	274
Flávia Cristinade Souza Cezário	278
Giballin Gilberto (Gilberto Alves Lima)	281
Greice Sandri.....	285
Hélio Simplicio Rodrigues Monteiro.....	289
Henrique Frey	294
Igor.....	299
Jucélia Schell	301
Perlucy Santos	313
Maria Celia Dantas de Araújo	319
Rosimeire Montanuci	322
Simone Ferreira Angelo	333
Solange Todero Von Onçay.....	339
William Teixeira Alves.....	351

Carta posfácio 354

Gilvânia Plácido Braule

Henrique Frey

Palavras do Instituto Vívere 357

Rudimar Barea

Prefácio

*A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí
que a posterior leitura desta não possa prescindir da
continuidade da leitura daquele.*

Paulo Freire

Você sabe o que significa uma “carta pedagógica”? Quem foi o autor dessa expressão? Onde e por que aplicá-la? Pois é, leitoras e leitores, um novo mundo se descortina à medida da leitura de cada palavra, frase, parágrafo, página e folha. E diversas narrativas escritas a várias mãos se seguem criando contextos inimagináveis na relação do ensino e da aprendizagem propostos pelas autoras e pelos autores protagonistas deste livro. Vocês devem estar se perguntando: “Em que bases filosófico-pedagógicas estão alicerçados os escreventes deste livro?” E nós garantimos que são bem sólidas e determinantes na luta para o ensino público/privado de qualidade e excelência no legado de Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira.

Não queremos apressá-las/los para “pular” a leitura das informações deste prefácio, porque estamos somente começando a contextualizar o trabalho que foi idealizado pelas doutoras Fernanda Paulo e Isabela Camini e pelo doutor Rudimar Barea. Mas agora é preciso fazermos uma retrospectiva que antecede a elaboração deste livro, o curso *Cartas pedagógicas como prática de ensino e pesquisa*, que nos foi oferecido em junho do ano de 2022. Formamos um grupo de 62 pessoas dos mais longínquos recantos do Brasil com o propósito de aprender o que é e como ensinar com cartas pedagógicas. Imbuímo-nos, todas e todos, no movimento da “denúncia e anúncio” na perspectiva de contribuir à transformação na sociedade.

A integração e interação de todas e de todos os partícipes do processo foi tão envolvente e contagiante que não podíamos deixar esse curso sem registro. Daí a ideia de compor as memórias de cada aula, todas gravadas e transcritas no formato “cartas”. A ideia se materializou! Está explicitada e pormenorizada em “cartas-sínteses” no corpo de nosso livro, como uma espécie de testemunho de todo nosso aprendizado individual que precede o coletivo e que este coletivo construiu com os alicerces de ética, estética e compromisso social. É um livro que não teve a sua concepção antes do curso. Foi a potência da participação dos curseiros, professoras e professores, que se dispuseram a agregar material de registro freiriano: aprender sobre “o que são cartas pedagógicas” e “como aplicá-las”. E assim vamos compondo arsenal didático-político-pedagógico para subsidiar e disseminar escrituras no ensino.

E nada mais oportuno do que retomarmos a escrita deste prefácio no memorável dia de hoje: 11 de agosto de 2022, exatamente o Dia do Advogado, e em período de proximidade com as eleições de outubro. Por que memorável, estariam dizendo agora as leitoras e os leitores deste livro? Porque hoje é um dia histórico e de relevância máxima para a manutenção da democracia deste nosso agora país em risco de uma nova ditadura que se avizinha. Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira e que escreveu muitas cartas, sobretudo quando estava no exílio, certamente estaria nesse *front*.

Estamos nos referindo à “Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito” lida no dia de hoje na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Ela nos remete à histórica “Carta aos Brasileiros”, apresentada em ato público em agosto de 1977, na mesma Faculdade de Direito da USP, e que marcou a luta contra a ditadura militar (1964-1985) e pela redemocratização, alerta a população para um possível e novo golpe militar.

Importante destacar que mais de 20 universidades pelo Brasil fazem a leitura dessa mesma carta, endossada por entidades de vários segmentos da sociedade brasileira. O movimento estudantil também protagoniza este momento histórico justamente no Dia do Estudante. A forte adesão à Carta de hoje alcançou mais de um milhão de assinaturas, dentre as quais estamos nós, Candida e eu, inseridos nesse valioso registro.

Candida, professora da rede pública estadual, vai além: está na concentração em frente ao Julinho, referência na luta estudantil dos secundaristas gaúchos. Na Faculdade de Educação da UFRGS (Faced), outra concentração. Lado a lado com estudantes secundaristas e universitários, sindicalistas e colegas educadoras e educadores marcham pelas ruas de Porto Alegre na defesa da democracia, conduzidos pelos estudantes. Na rota da Escola Julinho, Faced, Palácio Piratini e Faculdade de Direito da UFRGS, vivem momentos contagiantes de energia e de ganas das juventudes pelo direito à diversidade, pela educação e pela democracia. A garantia desses direitos necessariamente passa por eleições livres. No ápice do movimento, a Carta de hoje às Brasileiras e aos Brasileiros foi lida também na Faculdade de Direito da UFRGS, representando um chamado à responsabilidade histórica de todas e de todos que ali estavam. Foi memorável.

Vocês já devem ter percebido que, de certa forma, estamos transgredindo as normas que compõem a estrutura de um livro. Este prefácio não está escrito por somente uma pessoa. Somos dois partícipes do referido curso, convidados para a escrita preliminar. Ficamos muito honrados pelo convite. Mas, ao mesmo tempo que agradecemos, também nos preocupamos em definir se construiríamos um texto único ou se procederíamos à escrita de um prefácio dividido em dois textos.

Decidimos por um texto único em que uma das cartas estaria, e está, inserida na carta maior.

Cartas pedagógicas como prática de ensino e pesquisa: encontros do esperar

Caras leitoras e caros leitores,

Em todos os andarilhares que fazemos, vivenciamos encontros que fagulham a indignação e nossa essência humanizadora. Apaixonadas e apaixonados pela vida em plenitude para todas e todos, o grupo se encontra no curso “Cartas pedagógicas como prática de ensino e pesquisa”. A carta aproxima, é relação comunicativa de encontro, é uma espécie de diário compartilhado. Todas as cartas são pedagógicas? Todas as cartas pedagógicas são científicas? O que nos movimenta? São indagações que nos desafiam e nos movem. Nossa base ideológica inclusiva e solidária quer provocar a ler o mundo, aprender e ensinar.

Somos unicidade e plurais: oriundas e oriundos de todos os recantos do País, do campo e da cidade, dos movimentos sociais populares, da educação básica e do ensino superior, companheiras e companheiros de longas datas ou deste primeiro contato. Transeuntes de variadas áreas de atuação e vertentes, encontramos-nos, transpusemos a telinha transbordando afeitos e nos fortalecemos em reflexões provocadoras do inédito viável, da educação como prática de liberdade.

Na tessitura das cartas pedagógicas ora publicadas, estão a denúncia e o anúncio a partir da realidade em que estamos imersos. São encontros em que este coletivo se propõe a tantas outras escrituras; engajados com outros pares, emergem novas reflexões, mais inquietações e possibilidades. Carregamos em nossa bagagem sabores e dores, estas as chagas da barbárie visível ou não, que passa pela falta do pão na mesa, pelo autoritarismo vigente e pela violência cotidiana, em relação ao que arriscamos dizer: a fome é a pior delas. Essa barbárie passa ainda pelo fundamentalismo de vários naipes, pela negação da

ciência e pelos ataques a educadoras e educadores. Tudo isso contribui para a exclusão de cada criança, jovem ou adulto de seu direito aos estudos.

A realidade encontrada nas escolas e universidades públicas para os filhos e filhas de trabalhadoras e trabalhadores está além da falta de estrutura física adequada, da redução de recursos humanos e da desvalorização profissional via corte de verbas à educação; está também na precarização das relações de trabalho de professoras e professores, a qual gera rotatividade, aborta o potencial coletivo dialógico e, portanto, o pertencimento à sua comunidade escolar.

Há um adoecimento coletivo pela sobrecarga de trabalho, pela plataformização e burocratização no fazer pedagógico via cerceamento à autonomia das escolas e da autoridade de cátedra. Todavia, o currículo está em constante disputa, assim como o projeto de sociedade.

Todas essas considerações e denúncias são explicitadas com mais detalhes nas “cartas pedagógicas” que foram tecidas ao longo de todo o curso, mas antes é preciso observar a próxima carta, para leitura do que está logo a seguir: Carta Pedagógica-Apresentação, de Agostinho Rosas. Importante: façam uma leitura bem atenta, da mesma forma como está sendo a desta, porque os contextos e as narrativas vão suscitando ambientes para que se transite de maneira mais efetiva nas cartas-sínteses das escrituras de cada autor/a.

Candida Beatriz Rosseto

Celso Augusto Nunes da Conceição

Porto Alegre, RS, 11 de agosto de 2022.

Ato em Defesa do Estado Democrático de Direito.

Apresentação

Carta pedagógica: registros de um processo de escrevivências

Agostinho da Silva Rosas
Com a contribuição do coletivo
de escritoras/es de cartas pedagógicas.

Prezadas leitoras, prezados leitores,

Ontem, ao final de nosso encontro, Rudimar Barea, Isabela Camini e Fernanda Paulo expuseram o esboço do livro que hoje apresento, desvendando nossa andarilhagem por dentro do curso *Cartas pedagógicas como prática de ensino e pesquisa: estudo em Paulo Freire e outros mestres*. Fomos sendo convidados e convidadas a assumirmos funções, ora específicas, ora mais abertas. Nossa função foi a de escrevermos cartas desenhando a estética deste livro que revela a boniteza da ação pedagógica.

No momento em que começo a escrever, mergulho na simbologia das letras, sílabas, palavras, frases, texto; e gostaria de sua companhia. Gostaria de lhes apresentar *Cartas pedagógicas como prática de ensino e pesquisa* demonstrando a jornada de nossas escrevivências. Este livro é resultado dos doze encontros de pessoas provocadas pelo desafio de pensar a maneira de escrever cartas com rigorosidade metódica, ética e estética em valoração à ação pedagógica. Por isso, o convite feito diz de nossa vontade em compartilhar aprendizagens, de como nos organizamos, da trajetória que percorremos, das falas-escutas, emoções, de nossas vibrações em processo do

enfrentamento de “medos e ousadias”¹ descobertos/as no ato de escrever cartas.

Assim, prezadas leitoras, leitores, começemos o diálogo com a clareza de estarmos embalados por sentimentos, emoções que transitam, sem receio, com o esforço coletivo de pensar-fazer comunicação verdadeira. Com isso, o diálogo – nossos diálogos – não se expressa fora de cada uma e um de nós. Não tem prazo de validade. Será o seu tempo de leitura, meu, nosso tempo de escrita que dará boniteza ao contexto da escrita-leitura-nova escrita. Aliás, a boniteza de que falo não é natural, mas inconclusa, dinamicamente contraditória. Daí que se revela de diferentes maneiras, com diferentes tons. Por vezes, nossos diálogos trazem o belo sob conotação de alegria; noutras, será a força pulsante da tristeza que chama nossa atenção. Se hoje certas palavras sugerem timbres aparentemente indecifráveis, certas notas que dizem da dúvida no isolamento não significam estarmos sós no desconhecido. Em diálogo, somos mais de um, no mínimo dois. Se as forças sugerem abandonar nossa corporeidade, estado temporal da aparência, não há possibilidade de, em *dialogicidade*, fala sem escuta, escuta sem fala. O prefixo “dia” já anuncia a mediação dos corpos em comunicação, há no mínimo dois!

Este é o convite para interagirmos com a leitura de *Cartas pedagógicas como prática de ensino e pesquisa* mediadas/os por dialogicidades, diria com Paulo Freire (1967)², *educação como prática da liberdade*. É convite para a leitura de um livro de cartas didaticamente escritas, organizadas. Livro elaborado a partir e com a produção de educadores e educandos escreven-

1 Sobre este tema ler SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopez, revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

2 FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

do cartas. É livro situado por histórias de vida, depoimentos espontâneos, ao mesmo tempo se encontra no movimento dialético, contraditório da diversidade, das multiculturalidades, do desejo coletivo de expressar ideias, posições políticas, socioantropológicas com rigor cognoscente. Por isso, este livro foi sendo pensado, elaborado, ganhando corpo-alma com a prática, no ato mesmo das escritas.

Tal condição fora antecipada por Rudimar Barea no dia 16 de maio deste ano. Na ocasião do primeiro encontro, após falas de apresentação, rápidas palavras dizendo, umas e uns às/ aos outras/os, de nossa presença no mundo, nomes, motivos que nos conduziram a participar do curso; divididos em três grupos, fomos estimuladas/os à leitura de uma carta. Cada carta com uma autoria e nome a ela dedicado: *Queridas/os cursistas e amigas/os!*; *Herdeiras/os de um bem precioso têm de fazê-lo dar frutos*; *Por uma educação com mais empatia!*, escritas, respectivamente, por Fernanda Paulo, Isabela Camini e Rudimar Barea. Nossa função fora a de ler com o propósito de comunicar às(aos) que ainda não haviam lido a essência captada da leitura feita. Assim procedemos! Mas, como há pouco dizia, Rudimar Barea fora enfático ao escrever, em suas primeiras linhas, sobre a nossa presença no curso:

O reconhecimento do saber dos educandos/as, a valorização em seus espaços, com sua criatividade, demanda um olhar a partir dos problemas vividos por eles, e também implica uma necessária coerência entre a vida e o ensinamento pedagógico, diferentemente de entender o aluno apenas como um receptor de informações.

Essa maneira de nos convidar a assumir a autoria de nossas cartas, de estimular ambos os aspectos da escrita autêntica, o sensível e o racional, aquilo que captamos empiricamen-

te das realidades percebidas e ressocializamos³ intervindo criticamente no mundo, nas relações de que participamos, a bem da verdade permeia a totalidade das palavras escritas por Fernanda Paulo e Isabela Camini. De um lado, quando Fernanda Paulo escreve comunicando sua raiz teórica situada na radicalidade da Educação Popular, da educação com jovens e adultos, podemos realçar a relevância das cartas estreitando distâncias, saudades, histórias de famílias: “No meu caso, escrever carta do Piauí para o Rio Grande do Sul era uma forma de amenizar a tristeza de estar longe, de manifestar a saudade e de contar novidades alegres.” Ao mesmo tempo, salienta a força das cartas como instrumento de comunicação na prática pedagógica. Atuando com homens, mulheres jovens, adultos e idosos em processo de alfabetização, escreveu: “Esses homens, mulheres, jovens, adultos e idosos ouviam o conteúdo da carta por terceiros, aqueles que sabiam ler e escrever.” E continua:

Os estudantes da EJA, pessoas com experiências de luta e de múltiplos saberes, chegaram à EJA para serem alfabetizados porque tinham fome de letras. E eu comecei a trabalhar a alfabetização com palavras do cotidiano, das experiências desses educandos. Eram palavras com muitos significados – com vida.

Com Isabela Camini, a palavra ganha força política como expressão da luta coletiva por humanização. Suas cartas sugerem fusão entre seu eu-singular e sua presença nos movimentos sociais criando e recriando práticas de libertação coletiva. No

3 Sobre “ressocialização”, João Francisco de Souza escreveu: “[...] consiste, portanto, nos processos que se dão mediante o confronto entre conheceres, fazeres e sentires de uma pessoa ou de um grupo cultural com os de outras pessoas ou grupos culturais cujos resultados são novos conhecimentos, emoções e ações, tornando cada um dos envolvidos mais socializados, culturalmente enriquecidos simbólica e materialmente. Numa palavra, mais humano.” (Souza, 2004).

caso da carta *Herdeiros de um bem precioso têm de fazê-lo dar frutos*, convoca-nos a pensar o compromisso de nossas cartas com o mundo, com as pessoas. Sua escrita está condicionada ao exercício das lutas resistentes, ao modo de pensar-agir revolucionário, transformador de modelos fechados de sociedade por outro que defenda a emancipação coletiva. Daí, prezada leitora, leitor, a leitura desta carta, de certa maneira, vai convidá-la(lo) a se posicionar no tempo-espaço das práticas educativas. Escreveu Isabela Camini: “Por esta carta desejo comunicar-me com educadoras/es, estudantes, militantes e todos os leitores, desejosos por conhecer um pouco mais a caminhada que fazemos para assegurar e recriar o legado de Paulo Freire em nossas lutas concretas.” Ora, caríssima leitora, leitor, essa ação proposta exige trabalho sob a condição de esforço teórico com o qual nos nutrimos de conhecimentos necessários à explicação de “situações-limite” captadas das contradições entre humanização-desumanização. Estudar a obra de Paulo Freire, hoje, exige “reconhecimento criativa” (Souza, 2004) para

[...] buscarmos entender melhor em que contexto social, político e econômico essas obras foram escritas e como se mantêm atuais ainda hoje no cenário brasileiro e mundial marcado por diversas tragédias, ensaios sobre a cegueira e tentativas de deformação do ser humano (Camini, 2022, p. 139).

Assim, com as *Cartas pedagógicas da coordenação* do curso, estas que foram antecedidas na estrutura do livro por uma *Carta Pedagógica* destinada às *memórias de uma experiência em processo*, prezada leitora, leitor, abrem-se as cortinas de nossa arte pedagógica de escrever cartas. Arte registrada a partir e com o coletivo, por nós denominado “escritoras/es de cartas”, por vezes cartas pedagógicas.

Este livro confirma que estamos chegando ao fim deste curso que tanto nos aproximou, escrevendo e lendo cartas. Viemos de variadas e diferentes regiões deste País que clama por esperanças, dignidade. Misturamo-nos com nossas singularidades em movimento coletivo de aprendizagens e ensinamentos. Misturas percebidas em nossos tons de pele, etnias, crenças, identidades de gênero e orientação sexual, culturas. Juntamo-nos sob a mediação de Isabela Camini, Fernanda Paulo e Rudimar Barea com o propósito de “contribuir para as reflexões sobre a prática de escrever cartas e cartas pedagógicas, assim como sistematizar nossos aprendizados desde a metodologia”.

Este livro é sobre o curso. As palavras que se leem por suas páginas dizem de “uma ação de ousadia e bravura para recarregar de força inspiradora educadores que veem no pensamento freiriano o caminho da liberdade, justiça e transformação social”, lembra-nos Maria Aparecida Almeida. Nas palavras de Jucélia Schell,

[...] foi um curso idealizado por três profissionais “gigantes”, [...] mas que, entre os seus próprios saberes, conseguiram valorizar os demais, exaltando a riqueza dos conhecimentos construídos na diversidade presente na sala virtual. Sala essa que, mesmo apresentando distâncias físicas entre os estudantes, foi capaz de promover o calor humano vindo de cada um, resultando no acolhimento de todos.

Já aqui podemos delimitar a dimensão epistêmica de onde deriva a denominação “cartas pedagógicas”. Sua identidade se expressa na obra de Paulo Freire no processo de sua escrita através de cartas. Inicialmente, em 1977, escreveu *Cartas à Guiné-Bissau, registros de uma experiência em processo*. Posteriormente, no ano de 1980, na República de São Tomé e Príncipe, África, escreveu *Quatro cartas aos animadores e às animadoras culturais*, publicadas no Brasil, no mesmo ano, com o título

Quatro cartas aos animadores de círculos de cultura de São Tomé e Príncipe (Freire, 1980). Dois outros livros vão compor a escrita de cartas por Paulo Freire entre os anos de 1993 e 1994: *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* e *Cartas a Cristina*. Contudo, foi por meio de Ana Maria Araújo Freire que a expressão “cartas pedagógicas” ganhou o mundo com a publicação do livro *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (2000). De certa maneira, podemos pensar que este curso, *Cartas pedagógicas como prática de ensino e pesquisa: estudo em Paulo Freire e outros mestres*, aqui desenhado sob a formatação de livro, *Cartas pedagógicas como prática de ensino e pesquisa*, faz parte do conjunto de ações, espalhadas pelo mundo, festejando o Centenário de Paulo Reglus Neves Freire. Uma homenagem que se exprime com nosso reconhecimento de que

[...] as obras de Paulo Freire retornaram às nossas mesas, ou pela primeira vez sentiram o calor de nossas mãos, e o interesse de nosso olhar ao lê-las, se confiaram a nós, sem nenhuma desconfiança, deixando-se folhar e serem entendidas como instrumentos importantes para a nossa formação humana.⁴

Noutro sentido, este que diz do nosso espaço de aula, as palavras de Jucélia Schell foram enfáticas. Deixam claro que o contexto da pandemia de Covid-19 esparramou um rastro de dor e tristeza em muitos de nós, mas não dizimou a esperança transformadora, fundamental ao processo de humanização do humano. Provocou-nos a assumir nossa condição criativa, inovando a maneira de pensar a “sala de aula” como espaço-tempo dinâmico, mesmo que esteticamente virtual.

4 Primeira carta apresentada por Isabela Camini na ocasião do primeiro encontro do curso *Cartas pedagógicas como prática de ensino e pesquisa: estudo em Paulo Freire e outros mestres*. Carta intitulada *Herdeiros de um bem precioso têm de fazê-lo dar frutos*.

Não nos afastamos das emoções, dos sentimentos que as corporeidades tipo corpo a corpo instigam. De mesmo modo que não nos iludimos, quase romanticamente, fazendo de conta que estávamos pertinho, bem pertinho umas/uns de outras/os. Nossa opção fora a de assumir crítica e politicamente a condição dos encontros remotos como ambiente singular de nossa presença-mundo.

Deste livro, prezadas leitoras, leitores, é engano esperar conteúdos em abundância, quase como forma exagerada de exposição de assuntos preestabelecidos. Semelhante ao proposto por Paulo Freire em *Pedagogia do oprimido* (1970), nossos trabalhos foram sendo elaborados por temas e palavras geradoras. Discorreremos acerca da história das cartas, de diversas cartas, assinalando diferentes temas: algumas escritas com o pulsar de emoções falando de amores, outras registrando feitos históricos da humanidade. Conversamos sobre cartas escritas em tempo de prisão, de exílio; outras escritas por diferentes mãos, culturas, lugares. Conversamos, por vezes lemos cartas da humanidade, carta do Manifesto Comunista (1848), de Pero Vaz de Caminha, a Carta da Terra, a Carta do Cacique Seattle ao presidente dos Estados Unidos (1855), a Carta dos Sem-Terra, aquelas escritas por Rosa Luxemburgo, Olga, Che Guevara, Gramsci, Paulo Freire e a Carta de Isabela Camini ao Lula quando esteve preso.

Como “pirilampas/os”, ressaltando a maneira carinhosa de Cida Almeida referenciar cada uma e uma das/dos escritoras/es de carta, de cartas pedagógicas, iluminamos semânticas atribuindo significados às cartas situadas por argumentos da Pedagogia. Exercemos a habilidade de estudar, de “andarilhar-mos” por dentro dos temas e palavras geradoras como quem disseca, cuidadosamente, termos da curiosidade epistêmica. Desde o início do curso, prezada leitora, leitor, o que poderão apreender com o livro *Cartas pedagógicas como prática de ensino*

e pesquisa é a permanente intenção de responder à questão: o que faz com que uma carta se torne carta pedagógica?

Nesse exercício cognitivo, decerto podemos confirmar que seja na prática, escrevendo, lendo as cartas, discutindo experiências no processo de criação de cartas, captando “situações-limite” das realidades percebidas e intervindo com nossos “inéditos viáveis”, que a escrita de cartas ganha consistência pedagógica.

Cada encontro realizado conotou termos explicativos à compreensão do percurso metodológico desempenhado. Cada encontro esteve organizado de maneira a iniciarmos com a leitura de uma “carta-síntese”. Carta escrita por um/a de nós, escritoras/es de cartas pedagógicas, encharcadas/os por “situações-limite” desafiando “inéditos viáveis” como condição singular de registro dos quefazeres feitos. Dois encontros por semana, duas cartas, duas pessoas a escreverem cartas-sínteses. Essa prática tanto nos aproximou umas/uns das/dos outras/os quanto possibilitou compartilhar diferentes maneiras de pensarmos sobre os estilos de cada um/a ao escrever sua carta pedagógica: “Cartas como fonte histórica, encontro, diálogo, espaço de autoria e de Ser Mais [...]” (Carta-síntese de Juliana Vieira).

Prezadas leitoras, leitores, esse exercício de escrever, de realizar a leitura para o coletivo e escutar comentários na sequência, delimitando temas e palavras geradoras, distinguindo cada momento de estudo com expressão pedagógica específica, nos provocou a pensarmos sobre a importância da autoria, de nos reconhecermos escritoras/es capazes de produzir conhecimentos. Aliás, na estrutura do livro, poderão ler a diversidade atribuída aos doze encontros. Com o título *Cartas pedagógicas: sínteses dos aprendizados*, doze escritoras/es se apresentaram. Quando nos perguntaram quem gostaria de escrever a carta-síntese desses encontros, Leonardo Tavares (Três Rios, RJ), Rossana Machado Sarmento (Nova Santa Rita, RS), Flávia Cristina de Souza (Porto Ferreira, SP), Fabíola

Andrade Pereira (Tocantinópolis, TO), Juliana Vieira (Sumaré, SP), Maria Célia Araújo (São Sebastião do Passé, BA), Márcia Gonçalves (Salvador, BA), Aldenora Pena (Belém, PA), Ana Paula Farias Vasconcelos (Sobral, CE), Hélio Símplicio Rodrigues Monteiro (Goiás, GO), Maria Aparecida Ferreira de Almeida (São Paulo, SP) e Sara Jane Serqueira Bezerra (Maceió, AL) se anteciparam e ousaram assumir a responsabilidade de escrever a carta-síntese. Cada um/a, com seu estilo, foi tecendo os fios de nossa travessia. Com elas e eles, pudemos abstrair a ideia de que carta pedagógica exige rigor, sem nos afastarmos da “ternura” de que nos fala Juliana Vieira. Exige atenção à/ou outra/o, maneira de expressar radicalidade com respeito às diferenças. Sobre isso, Leonardo Tavares, fazendo referências ao primeiro encontro, destaca “a importância de estudar ao lado de meus colegas com tamanha experiência”: aprender com a/ou outra/o, assim, é condição de sujeitos de conhecimento, culturas, histórias. Certa conexão expressa nas letras de Fabíola Pereira: “aprendemos em conjunto a cultivar uma admiração”. Ou aquelas que foram delimitadas no segundo encontro em que lidamos com “perspectivas e desafios” anunciados por Rossana Sarmiento ao assumir a escrita de sua carta-síntese.

Com Rossana, a escrita de cartas pedagógicas exige apreensão de saberes constituídos no movimento singular de cada um/a no entendimento de que “a rota de uma obra pode ser conhecida por aquilo que falam da obra, pelo que lemos dela e principalmente pelo que estudamos da obra”; implica ir para dentro da obra, questioná-la e refletir a respeito dela situada/o no mundo.

Provavelmente tenha sido essa a condição que levou Flávia Cristina de Souza Cezário a escrever sobre a “boniteza e a resistência das cartas pedagógicas” e a delimitar o “processo da busca” mediada por “inquietação” teimosa, aumentada “com critérios e características que as tornam pedagógicas, políticas, com intenções, objetivos e o compromisso de trans-

mitir informação, convidar à reflexão, provocar a discussão e despertar emoção ensinados carinhosamente”.

Assim pensando, indo no embalo de Fabíola Pereira, “encharcado de amorosidade [... “do”] poder potencializador das cartas pedagógicas”, nossa prática se revelava no “mosaico de vozes e sotaques” e desenhado nas telas de computadores. De maneira especial, as cartas pedagógicas abrem espaço-tempo para “a oportunidade de externar não só [...] pensamentos, mas também as emoções”. Superam a condição mecânica do ato de escrever, provocando atitude pedagógica e política, lembra Flávia, na condição de nossas escrevivências. Aqui Fabíola foi enfática: “Precisamos marchar juntos, construir um movimento de escrevedores, pois elas constituem um importante instrumento de libertação, de autonomia, de indignação.”

A carta de Juliana Vieira realça essas conotações orientadas ao exercício das escrevivências, da radicalidade necessária ao nos posicionarmos, ética e esteticamente, na condução da práxis pedagógica. Influenciada por Michel de Certeau, Juliana nos pergunta: “[...] não estariam as cartas entre as experiências de cultura popular e práticas do cotidiano? Não seria uma pequena revolução, um caminho de transformação de práticas ‘formativas’?” Ora, prezadas leitoras, leitores, semelhantemente a Michel de Certeau, Juliana ensaia sua resposta. Antecipa-nos escrevendo na direção de que é preciso “parar para pensar, parar para recordar, parar para sentir, parar para escrever, parar para ler-reler, parar para digitar, parar para cultivar a atenção e o desvelo das relações que comumente moram em cartas”.

Esse chamado, melhor dizendo, clamor, faz lembrar a importância da reflexão crítica, esta que exalta situações de indignação contra as manobras de desumanização do humano. A educação cuja conotação se insere na leitura-mundo em defesa da liberdade coletiva, do respeito à vida e à natureza.

Essa discussão foi tema gerado no sexto encontro. Com a carta denominada “*Por uma pedagogia da solidariedade*”, escrita por Isabela Camini (2020), movemo-nos “por um caminho de emoções e sentimentos que nos remete aos sofrimentos vividos pela nossa população durante a pandemia do Covid, mas também nos faz refletir sobre os últimos acontecimentos trágicos em Pernambuco, com as fortes chuvas”: com essas palavras, Maria Célia chamou nossa atenção para os rumos de nossas reflexões. Naquela noite, em uma segunda-feira, nos convencíamos de que a indignação que nos move é singular, fundamental ao exercício de pensar “situações-limite” captadas das realidades que percebemos. No entanto, será na práxis, articulando, indissociavelmente, o pensar e o fazer, que a solidariedade se torna ação concreta, “nossa palavra precisa deixar de ser vã, com o exercício diário da solidariedade”, complementa Maria Célia.

As leitoras e os leitores deste livro, em cada carta, partilham conosco experiências em processo de formação, interagindo na diversidade de temas geradores. Na carta-síntese de Maria Gonçalves, encontramos-nos envolvidos por reflexões anteriormente iniciadas por Leonardo fazendo referência ao coletivo. Com ela, vamos pensar a formação desse coletivo, os motivos, a “diversidade regional” e de “interesses”, “sonhos em mesma sintonia”. Suas palavras já diziam da vontade de escrever e de escrever juntos, e ela nos perguntava: “será que podemos construir uma carta conjunta em que essa boniteza seja ressaltada?” Fica aí mais um desafio!

Desafio aceito, aqui estamos com este livro que expressa multiescrevivências, multiculturas, multi-historicidades. É um “exercício prazeroso” dedicado ao pensar-fazer cartas pedagógicas e um desafio de pensar sobre a função, a essência de uma carta pedagógica, de explicarmos “quando a carta se torna pedagógica”, sem perdermos de vista a teoria que nos convoca a transgredir e a sistematizar para emancipar. Desa-

fios que nos remetem ao entendimento sobre o rigor metódico atribuindo valoração científica sem negar a força política da linguagem popular. De escrevermos “com a alma e com o coração em busca da palavra-ação” (excerto da carta-síntese escrita por Aldenora Pena).

Aliás, o oitavo encontro foi marcado por reflexões no entorno dos impactos que uma carta pedagógica pode expressar quando orientada ao campo da pesquisa – seja por uma vertente instrumental para a busca de dados, informações quanto ao objeto da pesquisa, seja como estrutura de apresentação do projeto e relatório de pesquisa. Da história recente das cartas pedagógicas, podemos especular que têm origem nas bases teórico-filosóficas da pesquisa-ação e dos quefazeres situados por “pesquisa-intervenção”. No contexto descrito por Aldenora Pena, “trocando cartas com estudantes de vários estados da região norte interligando, conhecendo, reconhecendo seus/meus manos/manas amazônidas”, no campo da cartografia. Chama-nos a atenção para a relação entre escrita e autoria quando escritoras/es de cartas discorrem em “história de vida”.

Prezadas leitoras, leitores, nesta travessia de encantamento, convidando-a/o à leitura deste livro, continuamos na mesma pisada anunciada. Foram doze encontros dedicados ao esclarecimento daquilo que caracteriza uma carta como carta pedagógica. Com Ana Paula Vasconcelos, os registros de nossos feitos no nono encontro trazem outros elementos. Ela inicia com a dialeticidade que se expressa na ação enviar-receber carta. Fala da “felicidade ao abrirmos as cartas respostas” à medida que referendávamos a função “dialógica” desencadeada no vai e vem das cartas, a condição singular de comunicação. Uma carta tanto pode expressar uma maneira mais formal quanto mais informal da linguagem. Pode ser “uma prosa, uma escrita direta e bem coloquial endereçada a um interlocutor”, como pode assumir conotação de ensino-aprendizagem ou de

práticas de pesquisa, de extensão ou gestão, se pensarmos o ambiente acadêmico.

Daí que, ainda na carta Ana Paula, “em tom de diálogo, com a ampliação sobre nossas histórias como pessoas capazes de fazer o exercício da leitura crítica e consciente, que contempla uma forma de escrita assumida”, as cartas pedagógicas vão-se constituindo em várias identidades, tantas quanto possamos atribuir diferentes significados para sua função. Podem ser “carta-prefácio, carta-síntese, carta-anúncio, carta-denúncia, carta-social, carta-memória e até carta-nós”, assim como carta-posfácio, carta-resposta, e tantas outras quanto possamos imaginar. Seja como for, as cartas pedagógicas registram a comunicação resiliente, capaz de recompor nossas possibilidades de enfrentamento de “situações-limite” com nossos inéditos-viáveis. Nas palavras de Ana Paula Vasconcelos que se misturam com o pensamento crítico de Paulo Freire, o pedagógico das cartas se situa na

[...] tarefa de compreender o processo de conscientização do ser humano como inacabado, pois sempre há possibilidade de aprender a refletir e se transformar a partir do vivido, inspirando-nos a entender a humanização do ser, como processo de luta, resistência, do combate ao negacionismo, respondendo sim à vida, muitas vezes negada.

Ora, leitoras e leitores, Hélio Simplicio, escrevendo a síntese do décimo encontro, deixa claro, para todas e todos, que “uma carta pode até não ser pedagógica, mas que o ato de escrever cartas certamente é, e que as cartas são mais pedagógicas ainda quando encontram seus leitores”. Se assim pensarmos, diríamos que a maneira de escrever, a condição mais crítica ou alienada da escrita, vai delimitar os valores pedagógicos da carta. Essa condição assinala a relevância da educação no

processo da formação de escritoras/es de cartas. Convoca-nos a assumir o projeto de sociedade que queremos defender: certo contexto político dedicado à escrita-leitura no ato de escrever-ler-reescrever cartas pedagógicas.

As palavras de Maria Aparecida Almeida (Cida) contribuem com nossa composição. Este lugar docente-aprendente exige o reconhecimento das “possibilidades de colaborar em despertar a *curiosidade do desvelar o nome das coisas*”. Em parceria com Carminda Mendes André, Cida diz de nossa função pedagógica em situar a escrita “para que se possam criar outras e mais outras palavras, outras formas de esperar um mundo mais justo para se estar e viver”.

Mais uma vez a conotação de radicalidade emerge em nossa fala-ação como posicionamento ético e estético em respeito às diferenças, ao direito de voz, de ir e de vir, contra os mecanismos da opressão e do silenciamento de pessoas. Daí que “o educador progressista tem um projeto de mundo e esse é um ato político; e, como seres críticos, éticos, nos afastamos da licenciabilidade e do autoritarismo”, escreveu Cida. E continua: “estamos em comunhão aqui nesse movimento de luta como políticos/educadores que repensamos nossas práticas para organizar novas metodologias com rigor, amorosidade e na certeza de estarmos vivendo um processo autotransformador”.

Chegamos ao último encontro, o décimo segundo. Quase como síntese das sínteses, Sara Bezerra retoma a função dialógica das cartas pedagógicas. Vai situá-las no campo acadêmico, como possibilidade de pesquisa, contribuindo para a recuperação de

[...] memória individual e coletiva, resgatando história e memória popular. [...] O próprio curso proporcionou um rico exercício de escrita de cartas com a proposta metodológica da escrita das cartas sínteses dos aprendizados de cada encontro, constituindo-se

também numa prática de pesquisa que é a sistematização da aprendizagem, num movimento – convergência de ação-reflexão-ação.

No transcorrer das semanas, deparamo-nos com o diverso de cada uma e um, com as distâncias encurtadas por estarmos reunidos em estado remoto. Discutimos acerca dos significados que as novas tecnologias dispõem. Se, por um lado, sentimos falta dos contatos presenciais, dos abraços, por outro, foi a condição da tecnologia remota que nos aproximou, possibilitando a participação à distância.

Pois bem, prezadas leitoras/es, as cartas, como cartas pedagógicas, exigem atitude crítica tanto de quem as escreve quanto de quem as lê; isso porque é por meio da assunção da crítica que a leitora e o leitor interagem no processo dialógico produzindo novos saberes: saberes elaborados no confronto de ideias, de histórias e de culturas de sujeitos, em contexto de “reinvenção permanente que o ser humano está a cada momento desafiado a fazer de si mesmo” (Souza, 2004, p. 19), construindo-desconstruindo esses saberes que são mediados por certa condição da ação sociocognitiva da recongnição.

Apresento-lhes este livro, nossas cartas no exercício das escrevivências. É livro que se prolonga com os capítulos referentes à *Atualidade das cartas pedagógicas de Paulo Freire: 24 anos depois*, aos *Mosaicos de aprendizados: as cartas que nos habitam* e se encerra com as *Palavras do Instituto Viver*, por Rudimar Barea, e a *Carta-posfácio*.

Quando discorreremos sobre a atualidade de Paulo Freire, reportamo-nos aos seus últimos escritos, três cartas que ficaram para a humanidade ler e reescrever. As mãos de Paulo Freire foram descansar após uma jornada de trabalho. Com seu falecimento, outras mãos se empenharam em dar continuidade ao seu legado, criando e recriando a partir das releituras-mundo. Nesse sentido, Angelita Tatiane Silva dos Santos Perin escreveu

uma carta pedagógica elucidando as palavras de Paulo Freire quando escrevera a carta denominada *Do espírito deste livro*. Com sua escrita, adentramos na busca de argumentos elaborados por Paulo Freire ao conotar a singularidade da *Educação como prática da liberdade* no modo de pensar-escrever cartas. É com essa obra que o termo “carta pedagógica” ganha mundo, estimulando a escrita de outras pessoas.

A leitura desta carta, prezadas leitoras/es, convida-lhes a entender os motivos de tantas e tantos de nós nos juntarmos no desvelar de inquietudes na busca por responder: o que torna uma carta pedagógica?

Na sequência, Joice Maria de Oliveira interage com sua carta, situando-nos sob o pressuposto de que há atualidade em Paulo Freire à medida que nos reconhecemos comprometidas/os com a condição *do direito e do dever de mudar o mundo*. Provoca-nos a pensar sobre mudanças possíveis, certas utopias anunciadas na luta necessária por sociedades abertas, plurais, democraticamente instituída por respeito ético concentrado no humano, na busca anunciada por Paulo Freire como vocação ontológica de Ser Mais.

Com a terceira carta, Solange Todero Von Onçay anuncia a escrita inacabada de Paulo Freire. Sua carta pedagógica descreve a radicalidade no ato de sua indignação mediante o *assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio pataxó*. Escreve sobre “situações-limite” extraídas dos atos de desumanização, com brincadeiras de matar, de queimar-vivo um corpo índio, simplesmente por ser diferente. Faz de sua indignação um ato político. Posiciona-se. Com Solange, somos convidados a pensar a arte de educar; vamos ser chamados a declarar nossa maneira de estarmos no mundo, enraizado, comprometido com nossa prática. Cada uma e um, leitoras/es, escritoras/es de cartas pedagógicas, se nossa opção for pela emancipação humana, precisamos, urgentemente, nos unirmos no ritmo da redemocratização das relações do humano no mundo, com o mundo e outras pessoas.

Por fim, os três últimos capítulos do livro bem poderiam ser interpretados como chamado à curiosidade desafiadora. Apresentam cartas pedagógicas imersas no *Mosaicos de aprendizados: as cartas que nos habitam* com a diversidade das palavras escritas como conclusão do curso. São cartas que dizem de emoções, sentimentos, descrevendo contextos e ambientes; noutras, a escrita se encarrega de aprimorar temas gerando novas reflexões. São cartas cuja singularidade conotam valores ao processo de nossas escritivências, expressões de nossas aprendizagens.

Finalizando o livro, duas ações: uma em que Rudimar Barea se encarrega de escrever as *Palavras do Instituto Viver* em um movimento oportuno de agradecimento ao conjunto da obra. É uma maneira de externar o processo inventivo; é ousadia que possibilita ir até a/o outra/o, aos lugares e culturas tão diversas quanto foram as pessoas que atenderam ao chamado para, juntos, escrevermos cartas pedagógicas. Suas palavras dão relevância ao aprendizado do processo formativo do curso e da leitura das cartas produzidas pelos participantes. É o espaço aberto à palavra dos professores sob a leitura da instituição que nos oportunizou a experiência feita.

A outra, *Carta-posfácio*, escrita por Gilvânia Plácido Braule e Henrique Frey, prezadas leitoras, leitores, foi desafio criado de maneira a declarar a experiência em processo sob a condição de escrever-ler-reescrever cartas e cartas pedagógicas. Como Gilvânia e Henrique escreveram, “este não é um adeus que fecha e conclui uma conversa e acena para um encontro em um outro dia qualquer [...é] nossa despedida-convite”, uma despedida que se revela nas muitas possibilidades do diverso da ação criativa. É ação-comunicativa desenhada nas palavras escritas e inacabadas, carregadas de desejos por continuarmos juntos, misturadas/os na boniteza da práxis pedagógica revolucionária, crítica, em defesa da humanização do humano.

Talvez, apenas talvez, as palavras de Celso Augusto nos representem, a todas e todos, sobre as partilhas, aprendizagens, inquietações, curiosidades que fomos experimentando ao longo do curso *Cartas pedagógicas como prática de ensino e pesquisa: estudo em Paulo Freire e outros mestres*. Assim nos escreveu:

Eu não tinha sequer imaginado escrever o que escrito está, mas garanto a vocês, minhas e meus colegas aqui no grupo, que estou mirando o que leio, e o que leio ativa as lembranças de todos os momentos por que passamos juntos ao longo de nosso memorável curso [...] “nosso livro” está, além de atraente, convidando para um giro nas narrativas produzidas nas cartas pedagógicas e gerando mais curiosidade a cada palavra em sequência de outra a compor um campo semântico de abrangência imensurável que “só quem ler lerá”.

No mais..., ótima leitura!

Referências

SOUZA, João Francisco de. **E a educação**: ¿¿qué??; a educação na sociedade e/ou a sociedade na educação. Recife: Bagaço, 2004

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas**: testemunhos de uma vida. Passo Fundo: Saluz, 2022.

FREIRE, Paulo. Quatro cartas aos animadores de Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 136-195.